

João Ricardo Pedro

UM POSTAL DE DETROIT

Romance



ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE 1985-1986

Tomem lá umas asas e voem	13
Setembro	25
Uma coluna de fumo negro	35
Abril	45
A anatomia dos estorninhos	61
Novembro	87

SEGUNDA PARTE 1992-1993

Faça de conta que ainda é noite cerrada em Paris	117
Agosto	153
O golo de Peixe e o pé direito de Balakov	191
Dezembro	209
<i>Sturnus vulgaris</i>	217

Primeira Parte
1985-1986

Tomem lá umas asas e voem

Longe de imaginar o quanto aquela notícia nos dizia respeito, e os efeitos devastadores que teria nas nossas vidas, demorei a adormecer. Ainda hoje, trinta anos depois, seis internamentos depois, centenas de caixas de comprimidos depois, sessões de psicanálise, mesas de pé-de-galo, sanatórios, termas, casas de repouso, choques eléctricos, dou por mim deitado na cama, de olhos pregados no tecto, a pensar nesses dois pobres maquinistas, frente a frente, sem tempo para uma travagem de emergência, sem tempo para saltarem das locomotivas e rolarem como *cowboys* sobre um manto de feno, sem tempo sequer para se questionarem acerca das circunstâncias insólitas, colossais, em que se encontravam, aos comandos dos seus exércitos indomáveis, semelhantes a dois generais inimigos que se reunissem entre as linhas avançadas para negociações de última hora, para uma tentativa de entendimento que evitasse a derrota e a chacina, e, porém, absolutamente conscientes da sua impotência para anular o confronto, para o adiarem até, nem que fosse por breves segundos, escassíssimos segundos, os segundos suficientes para dizerem, em desolado uníssono:

– Estamos metidos numa alhada!

Poderiam depois trocar duas ou três palavras de conforto, histórias antigas, o amor aos comboios. Talvez um deles, o de

temperamento mais caloroso, começasse por confessar que, em miúdos, ele e o irmão se entretinham a apanhar escaravinhos, gafanhotos, lesmas, grilos, lagartixas, toda a espécie de bichos que saltam ou rastejam, e que, quais vítimas de um sacrifício que aplacasse a fúria dos deuses, os colavam com resina ao ferro dos carris, momentos antes da passagem do Rápido proveniente da Guarda ou dos vagões carregados de volfrâmio das minas da Panasqueira – comboios demasiado importantes para efectuarem paragem no pequeno apeadeiro cujo nome inscrito em azulejos testemunhava o domínio islâmico sobre aquelas terras até meados do século XI, altura em que os devotos das santas chagas de Cristo, sob os comandos de Fernando I, rei de Leão e Castela, expulsaram os Sarracenos da faixa circunscrita pelos rios Douro e Mondego. Novecentos anos volvidos sobre tão ilustre peleja, seria nesse apeadeiro que o pai do maquinista, humilde funcionário dos Correios e amante de banda desenhada, aguardaria, duas vezes por semana, a chegada do Regional que vinha de Lisboa e, em troca de dez ou quinze tostões, receberia das mãos do revisor uma revista com as mais recentes aventuras do Capitão Meia-Noite, do Flash Gordon, do Mandrake, do Barão de Dorset, do Kit Carson.

Chegado a este ponto, é bem possível que o maquinista fizesse uma pausa, uma dessas pausas que, quando acompanhadas de um movimento descendente do olhar, quase sempre antecedem uma ligeira inflexão na voz – colocando-a dois ou três tons mais abaixo – e revelam, por parte de quem se prepara para prosseguir o rumo de uma confidência, o receio de vir a ser condenado pelo juízo moral do interlocutor. Claro que este receio pode adquirir diferentes matizes e significados, dependendo não só da matéria de que se constitui a confidência, mas, sobretudo, da relação que já existe, ou está

prestes a existir, entre quem fala e quem ouve. No caso destes maquinistas, estamos perante dois estranhos, dois homens que não se conhecem; no entanto, é provável que se tenham cruzado inúmeras vezes, a altíssimas velocidades, em circunstâncias que não permitiram mais do que um simples aceno; é provável até que tenham ambos a vaga memória de um encontro fortuito ocorrido há muitos anos, ao balcão de um desses cafés que existem no interior das grandes estações terminais; ou numa casa de banho pública, aliviando-se em urinóis adjacentes, trocando desabafos acerca do cheiro a mijó, do tempo, do futebol, enquanto os olhos repousavam, distraídos, na superfície polida da pedra mármore. Durante anos partilharam as mesmas linhas-férreas; viram repetidamente as mesmas paisagens; tentaram cumprir à risca os mesmos horários e os mesmos procedimentos de segurança; sentaram-se com zelo aos comandos das mesmas locomotivas, e os gestos mecanizados de um foram os gestos mecanizados do outro; em certas noites de Maio, junto aos desfiladeiros das Portas de Ródão, maravilharam-se com o mesmo reflexo da Lua sobre o Tejo, e sempre que chegaram à estação de Santa Apolónia, a abarrotar de Amélias e magalas, sentiram a mesma melancolia, a mesma vontade imensa e inexplicável de chorar. Contudo, nunca deixaram de ser dois estranhos, peças de uma gigantesca engrenagem programadas para se moverem perpetuamente em sentidos opostos, cruzando-se a horas certas sem que alguma vez se chegassem a tocar. E agora, por causa de um erro de agulha, por causa de uma falha de sinalização, por causa de um mal-entendido, por causa de um azar dos diabos ou da sórdida vontade de Deus, por causa de um estupor qualquer que se esqueceu de avisar a central de que o comboio com destino a Vilar Formoso seguia com dezassete minutos de atraso, estes dois homens não

podiam cumprir até ao fim o seu destino de homens estranhos, de homens condenados a nunca se conhecerem, e eram subitamente forçados a partilhar o derradeiro momento das suas vidas.

Mas regressemos ao instante em que o maquinista, falando da paixão do pai pelas histórias aos quadradinhos, fez uma dessas pausas que parecem anunciar uma confissão. Fosse por súbito arrependimento, ou porque uma lembrança mais pungente lhe tomasse o espírito, ao invés da inflexão descendente da voz que se adivinhava, o maquinista adoptou um registo agudo, já próximo do falsete, a fazer lembrar aquelas crianças cuja excitação extravasa a tessitura do aparelho vocal.

– Aos domingos – contou ele –, depois da missa e do almoço, o nosso pai levava-nos para o campo, a mim e ao meu irmão, munidos de paus e alguidares partidos e cordas velhas e sacas de serapilheira e fruta podre e panelas de ferro enferrujado; e então, inspirados pelas diferentes aventuras que acompanhávamos através das revistas de banda desenhada que chegavam no Regional que vinha de Lisboa, encenávamos crimes de espionagem, golpes palacianos, invasões intergalácticas, sangrentas batalhas que opunham as cruéis tropas de Gengis Khan às mais sanguinárias tribos de peles-vermelhas. Resolvidas as contendas, que amiúde nos cobriam o corpo de mazelas, estendíamo-nos extenuados no chão, a olhar as nesgas de céu que se vislumbravam por entre os ramos das árvores e a perguntar ao nosso pai como é que o mundo tinha começado:

– Então e as aves?

– Isso foi ao quinto dia, juntamente com os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas.

– Assim, de repente? Tomem lá umas asas e voem?

– Parece que sim.

– Todas ao mesmo tempo? Cegonhas, pardais, gaivotas, pombos, falcões, águias, pintassilgos, melros, corvos, codornizes?

– Com alguns minutos de diferença, provavelmente.

– Deve ter sido uma coisa linda de se ver, tudo a bater as asas.

– Podem crer. Uma coisa linda...

Para últimas palavras de um homem à superfície da Terra, esta evocação de um pequeno diálogo com o seu pai não está nada mal; aliás, tendo em conta o sem-número de constrangimentos em que nos encontramos, seria difícil descobrir melhor. Por isso, tu aí, tu que te tens mantido calado desde o princípio desta aventura, tu que sempre foste incapaz de levantar a voz, mesmo quando te sobravam razões para isso, tu que vens aos comandos dessa poderosa locomotiva que encerra nos seus motores mais cavalos do que aqueles que participaram na batalha de Borodino, aproveita a deixa; repara bem, é uma excelente deixa, a passarada toda a bater as asas; lembra-te de que os comboios continuam em rota de colisão, não há tempo a perder; toma a palavra e conta-lhe que só começaste a trabalhar nos Caminhos-de-Ferro porque chumbaste nos testes de admissão à Força Aérea. Conta-lhe que, em miúdo, o teu sonho era ser piloto de aviões...

– Como o Capitão Meia-Noite? – interromperá o teu interlocutor, o teu companheiro, o teu adversário.

Tu não fazes a mínima ideia de quem seja esse Capitão Meia-Noite, mas diz-lhe que sim, uma mentirinha destas não traz mal ao mundo, bem pelo contrário, e isto está a ser tão difícil para ele como para ti. Diz-lhe que querias ser como o Capitão Meia-Noite, mas que, quando foste fazer os exames médicos, descobriram que o teu braço esquerdo é oito centímetros e meio mais curto do que o direito. Oito centímetros e meio!

– Como é que você nunca tinha dado por isso? – perguntou-te o médico, medindo a régua e compasso os teus úmeros, os teus cúbitos, os teus rádios. E tu finalmente a perceberes a razão dos arcos que traçavas a nadar nas águas da barragem de Belver. E, se era assim a nadar, imagina a voar! Adeus, Força Aérea! Adeus, parábolas e *loopings*! Estica os braços! Estica os braços e mostra ao teu parceiro como a ponta do teu médio esquerdo quase nem toca a falange proximal do teu médio direito; a visão de tal infortúnio vai comovê-lo e, quem sabe, alheá-lo da sua própria desgraça. É do que vocês precisam neste momento delicado e último – porem-se na pele um do outro. O que vinha mesmo a propósito, se queres que te diga, era contares-lhe daquela mulher; eu sei que prometeste a ti mesmo nunca dizer uma palavra a ninguém sobre esse assunto, mas é uma história formidável, uma história demasiado boa para morrer contigo, juro que a escreverei aqui tal e qual a contares, e não venhas com a desculpa esfarrapada de que já não te recordas com exactidão de todos os detalhes, se foi em 1980 ou 1981, porque eu ajudo-te, foi no ano em que o treinador do Sporting era Malcolm Allison, e tínhamos Meszaros, o húngaro, na baliza. Já agora, também te digo que era Dezembro, e que devido à morte de um colega teu – encontrado a boiar ao sabor das correntes do rio Ocreza – passaste a fazer a viagem da noite do troço Entroncamento-Covilhã no Rápido que só pára em Abrantes, Vila Velha de Ródão, Castelo Branco e Fundão. Ao longo de todo esse percurso, como bem sabes, há uma série de estações e apeadeiros cujos cais, a partir de determinada hora, já não albergam viajantes, servindo apenas de poiso a cães vadios, amantes, bêbados, futuros suicidas, violadores. Foi numa dessas estações, Vale de Prazeres – um nome que é toda uma outra história –, que passaste a cruzar-te diariamente com essa mulher, às 22 horas e 47 minutos em ponto; ela

sempre de sobretudo preto vestido; sempre debaixo da luz pálida do mesmo candeeiro; sempre de ténis americanos *All Star* pretos, sola, biqueira e atacadores brancos; sempre com um dos atacadores desapertado – o do pé esquerdo; sempre de gorro, preto, do qual se escapavam duas melenas de cabelo muito fino e loiro; sempre com o braço direito engessado, branquíssimo, assomando ao lado da fileira de botões; sempre com a manga direita do sobretudo a pender vazia, inútil, rente ao tronco; sempre com a mão esquerda dentro do bolso do sobretudo. Uma semana. Duas semanas. Três semanas. A estação de Vale de Prazeres transformara-se numa sala de cinema na qual entravas todos os dias, à mesma hora, e te detinhas apenas o tempo suficiente para assistires ao *traveling* em que a câmara percorria o cais de uma estação de província. Era como se tu, de repente, estivesses parado, e fossem as imagens projectadas no gigantesco ecrã que criassem a ilusão de movimento. A cada nova passagem, diminuías a velocidade do comboio e descobrias novos detalhes – maços de cigarros amachucados, uma garrafa de *Vat 69*, um gato, o esqueleto de um guarda-chuva, um boné, duas latas vazias de atum; e, como o motor da tua locomotiva era o mesmo que fazia funcionar a máquina de projecção, quanto mais devagar passavas, mais os cabelos da mulher pareciam esvoaçar devido à ausência súbita de gravidade.

Até que um dia paraste o comboio – que imprudência! Paraste o comboio e abriste a porta da cabina e sentiste o ar gélido de Dezembro na cara e saltaste para o cais e desataste a correr ao encontro dela sem nunca tirares os olhos dos ténis e baixaste-te para lhe apertares o atacador esquerdo com um firme duplo nó e regressaste, também a correr, para a locomotiva, para o alto da tua cabina, sem nunca te voltares para trás, sem teres olhado uma única vez sequer para o

seu rosto, e retomaste a marcha em direcção a Penamacor, com a sensação de dever cumprido.

Na manhã seguinte, quando te levantaste, a tua filha mostrou-te, orgulhosa, o duplo nó que ela mesmo tinha feito no atacador do seu sapato.

– Consegui, papá!

E contou-te que havia aprendido a fazer aquele duplo nó enquanto sonhava.

– Queres que te conte o sonho, papá? Eu tinha partido um braço e estava muito triste. O braço não me doía, mas eu era incapaz de apertar o atacador e, por isso, não podia ir brincar. Então, um senhor veio ter comigo e ajudou-me. Eu fiquei muito atenta, a ver como é que ele fazia. Hoje, mal acordei, fui experimentar e consegui. Não está bem, papá? Não fiques com ciúmes, eu acho que o senhor do sonho eras tu.

Que história sensacional! Razões não te faltavam, zeloso maquinista, razões não te faltavam para temeres contá-la. Olha lá, o teu companheiro das bandas desenhadas até ficou de boca aberta. Mas, já agora, aproveita a embalagem e conta o resto, diz-nos, por favor, o que é que estava escrito no gesso que envolvia o braço da mulher. Bem sabemos que depois de teres dado o duplo nó, ao levatares-te, não conseguiste evitar ler as sete letras escritas na brancura do gesso reparador. Que sete misteriosas letras eram essas? Não queres contar? Não ficarias de bem com a tua consciência, é isso? Percebo e respeito. Acredita que respeito.

Oh pá!, é uma pena que nos vejamos forçados a interromper esta nossa conversa. Apesar de tudo, foram aqui ditas coisas importantes. Um tipo deixa tudo para o fim da vida e é no que dá, tem de acabar a vida à pressa! Pelos cálculos que haverá de ser feitos por uma comissão de especialistas encarregada de averiguar as causas do acidente, são agora 18 horas e

37 minutos e alguns segundos em ponto. Não dá para adiar mais. Lamento. Existem contingências que nem eu mesmo posso contornar. Dois comboios em rota de colisão não permitem grande margem de manobra. Caríssimos maquinistas, olhem-se pela última vez e descubram na face um do outro os traços que anunciam a vossa própria tragédia. Concedo-vos a honra de serem os primeiros a morrer.

Setembro

Passava pouco das dez. O meu pai já tinha saído. A minha mãe e eu estávamos em casa, mas foi a Silvana quem atendeu o telefone.

– Vou chamar a senhora.

A minha mãe apareceu na sala em camisa de dormir e com a cara coberta de argila. Era Setembro, as aulas na Faculdade ainda não haviam começado, e ela costumava passar as manhãs inteiras na cama, a ler e a fumar e a beber sumo de cenoura. Eu estava no chão, de volta de um Forte de Apaches construído sobre o tapete de Arraiolos. A tribo de índios, liderada pelo cruel Cochise, mantinha-se escondida entre os desfiladeiros de *Bushmills* e *Johnnie Walker*, aguardando o sinal que daria início ao ataque. Quando a minha mãe passou por mim, choveram pedacinhos de cinza junto ao cavalo do capitão Kirby York – o pior dos presságios em histórias do Oeste.

– Deve existir algum engano – disse ela. – A minha filha não apanhou esse comboio. Está no Alentejo, a passar férias em casa de uma amiga.

Costumava haver um cadeirão ao lado da mesinha do telefone. Porém, nessa manhã a Silvana resolvera escová-lo com vinagre e bicarbonato de sódio e colocá-lo na varanda, a secar, juntamente com os tamos de veludo das seis cadeiras que rodeavam a mesa de jantar. Além disso, o fio do telefone era

demasiado curto para alcançar o sofá, não restando à minha mãe outro remédio senão ficar de pé, junto à janela, segurando o auscultador na mão direita e o cigarro na esquerda, virada para a Praça de Londres, explicando que tinha falado com a filha no dia anterior, por volta da hora de almoço, e que, portanto, era impossível ela ter apanhado esse comboio.

– Ela liga-me todos os dias, de um café, porque a casa onde está é uma casa de férias e não tem telefone – disse.

Com o intuito de anular a mínima possibilidade de equívoco, quem quer que estivesse do outro lado da linha viu-se na obrigação de enunciar o inventário de indícios em seu poder. Era um inventário extenso.

– Pare! – interrompeu a minha mãe. – Peço-lhe que pare! Confirmo que é esse o seu nome, que frequenta o curso de Pintura da Escola de Belas-Artes de Lisboa, que todas essas coisas lhe pertencem, mas é impossível ela ter apanhado esse comboio. Garanto-lhe que a minha filha está no Alentejo, perto de Grândola, na casa de uma amiga. Falei com ela ontem. Vou falar com ela hoje, outra vez, por volta da hora de almoço. Foi isso que combinámos. Se me der o seu contacto, posso ligar-lhe a seguir a confirmar que está tudo bem com ela.

Ao proferir a última frase, a minha mãe prendeu o auscultador do telefone entre o ombro e o queixo e abriu uma gaveta da qual tirou uma caneta e um bloco de folhas azuis. Quando se preparava para escrever o que lhe era ditado, deixou escapar o cigarro dos dedos, que caiu junto à franja do tapete. O soldado Jim Steele, de vigia na Torre Norte, mandou chamar com urgência o capitão Kirby York e o tenente-coronel Owen Thursday, que avaliaram a situação através de potentes binóculos.

– Espere um pouco – disse ela, olhando o cigarro no chão.